

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2011

17 e 18 Dez
Metastasipolis
Grupo
de Teatro
Terapêutico

Sábado às 21h00,
Domingo às 17h30
Sala Principal
m/16

Metastasipolis

João Silva

Era o tempo do poder absoluto e dos equívocos. O passado estabelecia alianças com o presente. A riqueza reorganizava a sociedade, aglutinava as novas gerações. Emergiam das sombras e das dúvidas novos predadores. A informação estabelecia pactos e redescobria diversões, com as classes dominantes ascendentes. As religiões transgenizavam costumes e gentes. Guerras e outros apocalipses, passavam-se longe de casa, presenciavam-se em cubículos, em poltronas e salões.

Esta poderia ser uma história de terror, mas não o é. É a comédia, a farsa, que acontece numa cidade-estado lesionada, distendida e tentacular, engajada em valores e personagens burlescas saídas, porventura, das imaginações delirantes dumas quantas motivações góticas, contemporâneas.

O caricato em *Metastasipolis*, tipicamente atípico, belisca pruridos falsamente democráticos, pelo ridículo, pela incoerência demais inconveniente, que não permitem às personagens uma observação *a sério* do que de mais simples coabita entre elas, conosco.

Dezassete personagens rebuscadas da política, das elites, da religião, da informação e do anónimo, deambulam por entre o exercício da linguagem dos desaires e das maledicências: Maria von Zoelite, a duquesa sobrevivente por entre os detritos da cidade; Plasísio, o religioso e vicioso senhor da bicharada transgenizada, chefe espiritual da beata Doroteia; Plastísio, o prepotente absoluto de *Metastasipolis*, corrupto e charmoso, apaixonado pela decadência de Maria von Zoelite; Vampir, personagem *gémimo* do autoritário Plastísio, pesadelo da juventude de Virgínia e da cidade aprisionada; Clonísio, o empresário oportunista; Diárrio, o chefe da informação, casado com Atomísia, jornalista e pivô televisivo de *Metastasipolis*; o patético líder político, futuro ministro Ionísio; Fusca, o *paparazzo* para todo o serviço.

Neste cadinho de contradições, de sedas e fedores, os jogos de guerra acontecem e motivam à distração, à diversão, a par de concursos duvidosos que alimentam um mundo em evolução destrutiva.

Na cidade de personagens e vivências tão provocatórias os *Mutantes*, criaturas anónimas em ocasionais aparições, pululam persistentes, em compulsivas mutações. Dilatam-se e alteram-se dispares sempre que os mentores do poder assim o exigem.

Metastasipolis é uma comédia que não pretende ser formativa ou informativa, nem mesmo exemplar. É apenas um exercício coloquial para o divertimento colectivo dos bons costumes.

Texto, Encenação
e Direcção de Actores
João Silva
Cenografia
Rui Francisco
Assistente de Cenografia
Joana Saboeiro
Figurinos
Joana Gomes
Desenho de Luz
Carlos Gonçalves
Ambiente Sonoro e Vídeo
Adriano Filipe
Área Terapêutica
Isabel Cristina Calheiros
Dança/Movimento Terapia
Liliane Viegas
Caracterização e Cabelos
Nuno Gomes
Assistente de
Caracterização e Cabelos
Helena Andrade
Confecção de Cenário
Alexandre Araújo
Assistentes de
Confecção de Cenário
Rui Carmo e Anderson Sanches
Confecção de Ciclorama
Margarida Lança
Confecção de Figurinos
Cremilde Freire
Assistente de Confecção
de Figurinos
Celeste Paiva
Apoio e colaboração de palco
Carina Anselmo, Carolina Cruz,
Cláudia Esteves, Margarida Saragga,
Patrícia Pereira, Sara Gonçalves,
Soraia Cristo
Apoio Técnico
Pedro Meireles
Fotografia GTT
Manuel José Alves
Produção
Joana Freitas
Interpretação
Maria José, Francisco Almeida,
Manuela Borges, Amadeu Gomes,
Vitor Correia, Olga Varanda, Raquel
Pinha, Filipe Carmo, Pascoal Barros,
Nuno Monteiro, Nuno Pestana, Ana
Paula Bastos, Sofia Cabrita, Sandra
Santos, António Pestana, Sara
Gonçalves

Uma produção
Grupo de Teatro Terapêutico
do Hospital Júlio de Matos
Centro Hospitalar Psiquiátrico
de Lisboa



O GTT agradece a colaboração
especial como atores de
Francisco Almeida e Nuno
Monteiro, Nuno Pestana e Sara
Gonçalves finalistas de mestrado.

Patrocínios



Agradecimentos



O GRUPO DE TEATRO TERAPÊUTICO

Hospital Júlio de Matos / Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa

João Silva

O GTT começou em Outubro de 1968, numa altura em que certas coisas não se pensavam, nem se falavam. Iniciou-se com um projecto-peça apresentado como trabalho de fim de ano, talvez sem continuidade. Mas, tem havido ao longo de 43 anos a apresentação de dezenas de trabalhos para milhares de pessoas, que deram ao GTT a possibilidade de servir a comunidade e provar a eficácia da sua utilidade. Pelo GTT passaram muitos doentes-actores, técnicos de teatro, técnicos de saúde em formação ou em princípio de carreira, centenas de outras sensibilidades que tantos enriqueceram o percurso do Grupo de Teatro Terapêutico. Em 43 anos o país e o mundo em geral experimentaram coisas boas e coisas más, alterações nos comportamentos, realidades e mentalidades. O GTT manteve-se apoiado por muitos, agredido por alguns. Abriu as portas do Hospital aos que o receavam e estigmatizavam, desde os finais dos anos 60. Atravessou a época parola e dramática do fim do Estado Novo, no seu estertor, e foi agredido. Nos finais dos anos 70, o GTT apresenta-se fora dos muros do Hospital e leva os actores-doentes à comunidade. Até finais dos anos 80 o Grupo estreia as peças no Hospital, que apresenta depois no exterior. O Grupo de Teatro Terapêutico proporcionou em 37 anos confiança e vontade aos doentes-actores de ultrapassar barreiras; abriu pistas aos já esclarecidos na área da saúde mental e aos que mais tarde enveredaram por essa área; desmistificou os estigmas; alertou para as possibilidades do teatro na área da saúde; fez prevenção com as suas conversas actores-público. No entanto, não há nada pior que o esquecimento ou o branqueamento das memórias.